

COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)
PROPRIO DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)



Editor: ANTONIO ALEXEIRA

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Redacção e Adm. (Provisória):
RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

O VALOR DAS PALAVRAS

Falando num comício, no passado domingo, no teatro de Ouro, o chefe do Partido Popular, sr. dr. Júlio Martins, afirmou, segundo lemos no extracto publicado no *Jornal de Notícias*, não ser bolchevista. E acrescentou: «bolchevistas são eles, que organizaram até um *soviet* para a moagem e ou para arrancar ao Estado os transportes marítimos.» Segundo a versão do mesmo jornal, esta tirada foi estrondosamente aplaudida.

Pasmamos ao ler tais diábetes atribuídos a um homem mestre que, pelas suas responsabilidades mentais e pela viva inteligência de que tem dado provas, como jornalista, como orador e hábil político, não deveria logicamente estabelecer um lamentável trocadilho de palavras, a confusão que para domina os ignorantes, os marotos... e os agentes da Signatura do Estado.

Estamos certos de que o sr. dr. Júlio Martins, não cometeu no seu espírito brilhante, a personalidade dos bandoleiros que constituem os sindicatos a que aludiu, com os homens honestos que fizeram a Revolução Russa e pelo seu admirável passado de perseguidos, através de tantos sofrimentos e sacrifícios, se erguem hoje acima dos acontecimentos internacionais com raro destaque e singular grandza.

Positivamente, pelo cérebro do ilustre chefe dos populares, não passa sequer a sombra duma dúvida, quando estuda a figura de Lênine no relevo que a história já lhe marca, ao comparar-lhe a estrutura moral e mental, ao integrá-la no plano lógico da sua acção revolucionária, em face das sinistras personalidades que aí arrastam a grilheta, no mundo dos negócios, nos peitos, galerianos de fácil nomenclatura, dessa nomenclatura conhecida nos registos criminais.

Confundir o vulto dum Tretsky com a individualidade do sr. Fausto de Figueiredo, ou do sr. Castanheira de Moura, é propósito que, com certeza, não está na consciência do sr. dr. Júlio Martins. É esse paralelismo desastrosamente estabelecido entre o significado social dum *soviet* com a ignominia trazida dum «sindicato» não passa, estamos disso certos, dum paralelismo desastrosado. Queremos acreditar que o sr. dr. Júlio Martins, deve a estas horas estar arrependido de ter pronunciado tais palavras, impensadamente saídas do entusiasmo da oração, irreflexivamente lançadas sobre as massas dos ouvintes que a despeito de todo o sectarismo político deviam ter estranhado a lamentável boutade. A não ser que a ignorância do auditorio se nivelasse com a... distração do orador.

Uma tal conclusão, mesmo determinada de caso pensado, com o intuito de lisongear apenas o instinto burguês dos maiores da política, não colheria os resultados desejados. E ainda, desta feita, o sr. dr. Júlio Martins, ferra um desastrosado logu, ele que só fala nos «interesses do povo», na «liberdade do povo», nas «regalias do povo». Decididamente o sr. dr. Júlio Martins foi infeliz. Duplamente infeliz. Porque se subalternizou intelectualmente, banalizando o seu discurso de combate e descendo-o às normas craterias dum cacique barato em busca de votos e porque... perdeu o seu tempo.

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA» De O Sul e Saeste:

«Mais um intemerato lutador surge na liza, proclamando os direitos do proletariado, sempre postergados pelo capitalismo. Saiu no dia 1.º de Maio, no Porto, o primeiro numero de *A Comuna*, órgão comunista libertário, que veio substituir o antigo quinzenário *A Aurora*. *A Comuna*, que por enquanto é semanal, passava de dia em breve a publicar-se diário, contando para isso com o apoio e auxílio de todo o proletariado português. Ao intemerato camarada, enviamos as nossas saudações, desejando-lhe longa vida, para que a sua acção se torne eficaz em defesa da causa proletariana. Jornal de princípios como *A Aurora*, *A Comuna* manter-se-á na luta, com a energia e a consciência próprias de quem defende uma causa noble e justa.»

Também a *Flôr do Tamega* se referiu à saída do nosso jornal desejando-lhe muita vida e prosperidades. A ambos os colegas os nossos agradecimentos.

Socialização de fábrica

Tendo sido publicada na imprensa diária, a notícia de ter sido socializada a fábrica de calçado da firma Coata & C.ª, somos informados de que tal notícia não é verdadeira. Simplemente a firma proprietária enterdeu por bem dar aos operários de duas excepções da referida fábrica uma gratificação anual na proporção da produção de cada um. Não houve, portanto, socialização. Fica assim desmentida a afirmação da imprensa diária, e prejudicada a publicação duma carta que sobre o assunto recebemos.

Mineiros de S. Pedro da Cova

Cervida-se o operariado do Porto a assistir ao julgamento dos mineiros de S. Pedro da Cova, que deve realizar-se amanhã, 31 do corrente, pelas 11 horas, no Tribunal de S. João Novo.

A Comissão Pro-Frescos.

Alvaro Duarte Cerdeira

Encontra-se nesta redacção uma carta do Brazil para este camarada. Roga-se a quem conhecer o seu paradeiro para o acompanhar a esta redacção para a mesma lhe ser entregue.

BLANQUISMO E ANARQUISMO

A grave crise económica que atravessamos solicita os anarquistas, em favor do formidável abalo que sacode a sociedade, procurando os meios mais eficazes de forma a assegurar a melhor realização da sua concepção libertária. É uma tarefa útil porque os acontecimentos actuaes merecem toda a nossa atenção, reclamam toda a nossa actividade, convidam-nos a ser previdentes para não nos deixarmos ludibriar mas devemos também desconfiar para não termos de cair, sob o pretexto de realizações imediatas num oportunismo perigoso.

Não devemos ter ilusões sobre o alcance da nossa acção, sobre a extensão da nossa propaganda que só atingiu uma infima minoria da população, conservando-se a grande maioria rebelde às nossas teorias que só conhece deformadas, adulteradas, quando as não considera como prejudiciais e criminosas.

Para construir a sociedade que desejamos, precisamos de circunstâncias favoráveis, uma evolução que ainda não atingiu, e é necessário que o terreno esteja desbravado, preparado, que os materiais estejam reunidos, que os constructores tenham uma noção de conjunto da obra que querem realizar, isto é, convém que uma evolução sensível se tenha operado nos cérebros, e uma educação liberte o individuo das suas antigas crenças, dos seus preconceitos, da sua ignorância, provocando uma radical mudança nos costumes e nas ideias.

Não creio que haja muitos anarquistas que pretendam que estas condições estão preenchidas e que basta a acção de alguns individuos conscientes e energicos para se implantar o comunismo anarquista.

Seria abstracto da inconsciência, da educação autoritária das ideias sociais, dos interesses mal compreendidos de milhões de individuos.

Se o nosso fim fôsse apenas substituir os dirigentes actuaes, se pensássemos que a harmonia social apenas depende da actividade de alguns individuos, se bastasse arrastar abaixo com os poderes estabelecidos, atingi-lo-íamos bem depressa.

Mas a Revolução para que apelamos com todas as nossas forças é coisa bem diversa da substituição dum poder por outro, e não pode ser obra de meia dúzia de homens; só pode e tem de ser o trabalho de milhões de actividades conscientes, reflectidas, animadas dum ideal comum.

Conseqüentemente no seu desejo de chegar mais depressa aos seus fins libertários, vemos muitos numerosos militantes anarquistas esquecer o que é a base da nossa acção, a razão de ser da nossa propaganda, a luta contra o principio de autoridade sob todas as formas.

Imaginam sinceramente que bastará a acção violenta e concertada duma minoria para mudar as instituições, renovar a mentalidade dos individuos, operar a transformação radical da sociedade.

Creio que será indispensável empregar a força para arrancar aos privilegiados o que constitui o seu poder, visto que, mesmo sendo uma minoria não se deixarão passivamente vencer; mas se o recurso à violência, à força, é legítimo neste caso, assim como se é obrigado em certas situações, a utilizar os ferros para facilitar o parto, o emprego dessa mesma força é contrário à nossa concepção anti-autoritária quando se quer fazer dela um sistema de coacção destinado a forçar os individuos a aceitar a obra, as ideias duma minoria, pois sabemos o que fatalmente ha-de resultar da manutenção de toda a força organizada.

Dizemos e repetimos, que a revolução que ha de reorganizar a sociedade em proveito do individuo, segundo os principios de accordo, de solidariedade, não se fará com o auxilio de decretos, nem pelo emprego da ditadura, mesmo operária.

Será a obra da actividade, da energia, da iniciativa consciente, em certas situações, de elementos componentes do meio social, elementos que tenham rompido com o passado, e que estejam impregnados das nossas teorias anti-autoritárias.

As nossas criticas da autoridade, a análise das suas consequências levaram-nos a separar-nos dos socialistas porque pretendem fazer a Revolução por métodos autoritários, pelo Estado proletariano.

O que censuramos a esse partido, sentimo-nos tentados a fazê-lo, tam pederezo é o nosso desejo de apressar a queda dum regimen detestado. Mas, nesse caso, cessemos a propaganda das nossas teorias anarquistas; reconheçamos lialmente a sua incapacidade para realizar as nossas aspirações, entremos no Partido comunista marxista porque este, ao menos, não esconde o firme propósito em que está de se servir da «Ditadura do Proletariado» para operar a transformação social.

Infelizmente para os amadores de confusioinismo, compreendemos o que se oculta sob a grande tirada: Ditadura dos trabalhadores, Estado proletariano: nada mais são do que uma extensão do Estado capitalista de que conservaríamos todos os meios e que seriam a consagração suprema do principio de autoridade que, sem tréguas, combatemos.

Certamente reconhecemos que a situação presente obriga-nos a tomar posição, mas não estivemos à espera da crise actual para o fazer; sabemos que é necessário operar a transformação social; foi sempre essa a tarefa dos anarquistas, mas é inútil, nefasto para o nosso ideal libertário, querer reerguer para um plano afastado as nossas teorias para as substituir por uma combinação de successo fácil mas reduzido.

Mais do que nunca a necessidade duma propaganda anti-autoritária se faz sentir porque a luta à qual assistimos e participamos, não é a luta contra a autoridade, contra o Estado. É o combate entre dois partidos que disputam a supremacia do poder. Os métodos, as formas orgánicas de certos militantes, são decalcados no Estado burguês. Como ele, tem o seu poder executivo, o seu parlamento, os seus funcionários, o seu exercito. Amanhã, copiando o seu adversario, obrigarão por

RELEMBRANDO

Germinará. E' o refluxo. E não haverá diques. Para a luz duma ideia — não há muros a corta-la. E porque ela teve por primun movens uma ancia de Justiça — impulso eterno! — essa ideia fecundará, crescerá, multiplicar-se-á, alastrará: será em toda a sua plenitude, emfim. E' a seara ideal, a sonhada. Germinará. E' o refluxo. Refluxo da eterna ondulação que vai tracejando a trajetória evolutiva da Humanidade. Tinha de ser assim.

Foram vencidos: nem a terra frutifica sem que a reguem, sem que lhe rasguem o ventre avido de germinação. ¿Foram vencidos? Não. Ser vencido — afinal é vencer. Porque é caminhar: porque é semear. Hoje ou amanhã — tanto importa — com tanto que a colheita se faça. Nem o homem evoluciona senão ondulando. E' a revolução integrando-se na evolução. Ser vencido para vencer: semear para colher: — eis o principio imutável e perpetuum mobile que nem a mão de Deus — se Deus houvesse — suspenderá.

Germinará!
MANDEL LARANJEIRA.

AOS ORGANISMOS OPERARIOS

Sendo do máximo empenho do grupo editor de *A COMUNA* dar a maior expansão à publicidade do movimento sindical — julgando assim prestar um grande serviço ao desenvolvimento da organização proletária, serviço este que será o mais largo possivel logo que este jornal atinja o seu objectivo, como seja a sua publicação diária — soicita a todas as corporações operárias para que enviem as suas informações para esta redacção até terça-feira, de cada semana, a fim de serem publicadas na *COMUNA*.

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º numero e impressa em separata em ótimo papel. O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

meio de sanções os individuos a obedecer aos seus dógmas, às suas leis, etc.; os apêlos à disciplina, os anátemas lançados contra os avançados são disso um eloquente sintoma.

O emprego da ditadura implica logicamente a inconsciência, a ignorância do grande numero; a necessidade de chefes e serventúrios; duma aristocracia ocupando os logares superiores, dirigindo, ordenando, e mandando, criando como hoje duas classes que, pelas suas situações respectivas se tornariam fatalmente inimigas.

¿E' isso o que constitui o nosso objectivo? Não o creio e todavia seria *isso* a resultante da organização da ditadura proletariana.

Quer isto dizer que nada faremos porque não se pôde imediatamente realizar o comunismo anarquista? Não. Não é a nossa concepção que está em jôgo, nem os nossos métodos de luta.

Pelo contrario, os acontecimentos favorecem-nos criando entre os trabalhadores um estado de efervescência propicia à nossa propaganda, à nossa actividade. Permitem-nos constatar, surpreender e mostrar ao vivo, todas as causas das misérias sociais: militarismo, patriotismo, estatismo, parlamentarismo, autoritarismo, capitalismo, etc., etc. Pedemos denunciar os conluos interesses de individuos que, sob o pretexto de fazer a felicidade do povo, procuram sobretudo lisongeá-lo, enganá-lo para melhor o explorar. Podemos demonstrar que é só na acção pessoal que o povo achará a melhoria da sua situação. Numa palavra; habituamos os trabalhadores a contarem só com eles mesmos e a passarem em chefes e sem Messias.

Espalhar as ideias anarquistas, esclarecer os proletários sobre os seus verdadeiros interesses, educa-los tornando-os aptos para reflectir, analisar, raciocinar para melhor agir, é fazer obra revolucionária.

Não contemplamos os resultados da nossa acção, da nossa propaganda, nos meios sindicais? Basta que haja num centro um movimento libertario activo para que os organismos operários se resintam disso e afirmem uma tendência nitidamente revolucionária.

Esta influencia é natural porque espalhando nos meios operários as ideias libertárias damos aos nossos camaradas sindicados consciencia da sua personalidade, dos seus interesses. A emancipação dos trabalhadores será obra dos proprios trabalhadores; mas para ser efectiva e eficaz, é indispensável que eles se tornem conscientes, que a educação libertaria os tenha arrancado à dominação dos seus patrões, dos seus preconceitos, da sua ignorância.

Blanqui e, antes d'ele, Babeuf, pensavam que bastava tomar conta do poder para se operar a transformação social.

A Revolução de 1848 é uma prova de que a insufficiente preparação dos trabalhadores para assegurar a organização da produção conduziu rapidamente à derrota. Se a Comuna de 1871, tivésse vivido, não teria passado duma República Radical.

Deixemos pois os admiradores da Revolução ditatorial no seu ideal autoritário. Procurémos libetar os cérebros do obscurantismo do Passado, façamos individualidades conscientes, revoltados que saibam uni-se e coordenar a sua acção além de destruirem os quadros da sociedade quando estes se tornarem muito estreitos para conterem a sua concepção duma vida mais larga e mais livre.

F.

DITADURA DO PROLETARIADO?

DOCUMENTOS REVOLUCIONÁRIOS

Porque tem sido muito deturpada a famosa carta particular que o nosso eminente camarada P. Kropotkine, endereçou ao seu amigo Georges Brandés, e porque a própria imprensa burguesa, lhe deformou o sentido, publicamos-a hoje, na íntegra, pois o seu valor documental merece que a arquivemos. Só agora a damos à estampa porque muito recentemente a podemos obter.

MUI QUERIDO AMIGO:

Surge finalmente a ocasião de escrever e apresso-me a fazê-lo, sem que de resto eu fique certo de que esta carta lhe chegará às mãos.

Agradecemos-lhe, do coração, o interesse fraternal que pôz em preocupar-se com o seu velho amigo, mal correram boatos da minha prisão, de resto falsos bem como as histórias que se fizeram em volta da minha saúde.

A pessoa que ha de entregar-lhe esta carta conta-lhe ha a vida isolada que fazemos nesta cidadezinha de provincia. Na minha idade, e materialmente impossível tomar parte nos negócios publicos durante uma revolução; fazê-lo, como amador, e coisa que não está nos meus hábitos. No último inverno, que passamos em Moscou, trabalhei de colaboração com um grupo de amigos sobre os projectos duma federação. Mas o grupo dispersou e retomei, isoladamente, um trabalho, sobre a Ética, que já tinha começado, há uns quinze anos, na Inglaterra.

Tudo o que agora posso fazer é dar-lhe uma idea geral da situação da Rússia, que no Ocidente desconhecem por completo. Uma analogia, talvez, possa servir de explicação.

Atravessamos uma fase igual à que a França viveu durante a revolução Jacobina, de Setembro de 1792 a Julho de 1794, com isto a mais, agora é uma Revolução Social que procura realizar-se.

O método ditatorial dos Jacobinos foi falho.

Não podia criar uma organização estável e fatalmente caiu na reacção. Mas os Jacobinos conseguiram ainda assim, em Junho de 1793, a abolição dos direitos feudais, começada em 1789, que nem a Constituinte nem a Legislativa quiseram acabar. E proclamaram ativamente a igualdade politica de todos os cidadãos. Duas imensas transformações fundamentais que, no decurso do século XIX, deram a volta à Europa.

Um facto analogo se produz na Rússia. Os bolcheviques esforçaram-se por introduzir, pela ditadura duma fracção do partido social-democrata, a socialização do solo, da industria e do commercio. Esta transformação, que procuram realizar, é o principio fundamental do socialismo. Infelizmente, o método pelo qual procuram impô-la, num estado fortemente centralizado, um comunismo que lembra o de Babeuf — paralisando o trabalho construtivo do povo — torna o objectivo absolutamente impossível, o que nos prepara uma tremenda e furiosa reacção.

Esta, procura já organizar-se em favor do antigo regimen, aproveitando o esgotamento geral, produto em primeiro lugar, da guerra, em seguida, determinado pela falta de viveres que estamos soffrendo na Rússia Central, e pela desorganização completa da produção e da troca, inevitável durante uma revolução tão vasta, levada a cabo por meio de decretos.

Fala-se no Ocidente em restabelecer «a ordem» na Rússia por uma reprise armada dos aliados.

O meu caro amigo, sabe muito bem quanto foi criminosa, em face do progresso social da Europa, em minha opinião, a attitude dos que trabalharam na desorganização da força de resistência da Rússia — o que prolongou a guerra, por mais um ano, nos deu a invasão alemã sob o veu dum tratado, e custou nos de sangue a impedir que a Alemanha conquistadora emagasse a Europa sob a sua bota imperial. Conhece bem as minhas ideas sobre este assunto.

Contudo protesto com todas as veias da minha alma, contra toda e qualquer especie de intervenção armada dos aliados nos negócios da Rússia. Esta intervenção teria como consequência um acesso de chauvinismo russo. Trar-nos-ia uma monarquia chauvinista — vemos já os seus indícios — e, note bem isto, produziria no conjunto do povo russo uma attitude hostil para com a Europa occidental — attitude que teria as mais tristes consequências. Os americanos já o comprehendem muito bem.

Imaginam talvez que apoiando o general Denikine se apoya um partido liberal, republicano. É um grave erro. Quaesquer que fossem as intenções pessoais dos chefes militares, o grande numero dos que se agrupam, em torno d'elles, tem outros inimigos. Forçosamente, o que elles nos trariam, seria um regresso a monarchia, a reacção e ondas de sangue.

Os aliados que veem claramente os acontecimentos, deveriam pôr reputar toda e qualquer intervenção armada. Tanto mais que, se desejam rialmente vir em auxilio da Rússia, acham-se immanente que fazer, neutro sentido.

Falta-nos pão em todo o vasto espaço das provincias centrais e septentrionais.

Para se obter em Moscou, ou aqui, em Dmitrov, um arratel de pão negro, de centêo — a mais do arratel, ou do quarto de arratel por pecca, que o Estado distribue a um preço muito elevado, mas relativamente modesto, dum rublo e sessenta o arratel (o que antigamente representava quatro francos) — é preciso pagar 25 ou 30 rublos (ou sejam 62 a 75 francos) e arratel de 450 granas. E haja-o êle! Não se encontra! E a fome, com todas as suas consequências. Toda uma geração a extirpar-se... E recusam-nos o direito de comprar pão no Ocidente! — Porquê? Será para nos impedir um Romanoff?

Por toda a Rússia, faltam mercadorias fabricadas. O camponês paga a preços leucos, uma foice, um machado, alguns pregos, uma agulha, um metro, qualquer tecido — mil rublos (que outora valem 2500 francos) as quatro rodas guarnecidas de ferro dum mau carro russo. Na Ucrania, ainda é peor: não se encontram mercadorias por preço algum.

Em vez de representarem o papel que a Austria, a Prussia e a Rússia representaram em 1793 contra a França, os aliados teriam mais e melhor a fazer para ajudar o povo russo a sair de tão horrivel situação. De resto, seria preciso verter oceanos de sangue para fazer regressar o povo russo ao passado e nem assim o conseguirão.

É em construir um novo futuro, pela elaboração construti-

CONTRASTES...

Estão de «luto rigoroso» os aficionados. As praças de touros cobriram-se de crepes. Os sinos das cathedrais espanholas, tangeram lugubrememente. Os jornais diários e piccharam toda a verborreia emotiva dos seus redactores, para mostrar ao publico que choravam copiosamente... Morreu o Gallito, aquele famoso diestro que, durante a sua curta vida, despachou para o «outro mundo», com pleno assentimento de multidões bárbaras e carniceras que o aplaudiram delirantemente, nada menos de 674 bichardos que nenhum mal lhe tinham feito!

Morreu o Gallito. E morreu tragicamente, no momento em que mostrava as suas habilidades tauromaquicas. Para muitas criaturas que, da vida, tem a mesma concepção que o galo ali da esquina, o desaparecimento do herico matador de touros representa uma grande perda irreparável. Sobre a sua camp, ou sobre o seu sarcófago juncado de flores, não elas depositar, mais tarde ou mais cedo, uma lagrima de eterna saudade. Porquê? Por uma razão simples: — Essas criaturas, tendo embotados os sentimentos, mercê da perversão moral do ambiente em que chafurdam, não vão ali chorar o homem que se finou; vão mas é lacrimejar sobre o cadáver putrefacto do individuo que, em vida e durante algumas horas, lhes alimentou o espirito canibalesco, inquisitorial, que as domina, com requintes de ferocidade torquemadesca.

As touradas são espectáculos bárbaros que não traduzem progresso nem civilização. A moral que se respira numa praça de touros, é a moral do passado, é a moral dos grandes circos romanos, onde o senhor, para se divertir, ou para dar livre curso ás suas continuas borracheiras, ordenava que os seus escravos se batassem com feras.

A' custa de muito esforço, de muito sangue e de muita lagrima, êsses espectáculos canibalescos acabaram. Mas, para os substituir, quere dizer, para se alimentar o espirito cruel e sanguinario dos bem-jantados, organizaram-se as corridas de touros. O escravo passou a ser o pobre boi; e a fera, passou a chamar-se toureiro.

Com o decorrer dos tempos, a lide transformou-se numa industria lucrativa. Os parvos, infelizmente, são aos milhões. E quanto mais parvos houver, mais se enchem as praças, e, portanto, mais aguçam o appetite da ganhuça.

Os individuos que lá vão recrear-se, podem não conhecer uma letra do alfabeto, nem que ela seja do tamanho da língua da Póvoa; mas acham-se no direito de exigir um espectáculo que dista da ignomina. O prazer deles é desenvolver-se o mal. É a sociedade contemporânea, que tem grandes interesses nisso — porque é nas alfurjas onde medram os maus instintos que recruta os seus defensores mais usados, a patulagem que impõe as vontades dos altos dignitários... da ordem e respectivas partes adjacentes — favorece, com as suas leis e seus decretos, as tendências abomináveis dos admiradores, dos defensores dessas infâmias.

E o certo é que, quando morre um toureiro, vê-se sempre, no seu espólio, uma respeitável quantiazinha acumulada a custa da estupidéz e da ignorância das manhas... Morreu o Gallito. E morreu tragicamente. Dizem as gazetas, infinitamente coscovilheiras, que êle deixou uma fortuna calculada em cinco milhões de pesetas! — Quem lhe deu êsse dinheiro? A ignorância, a estupidéz, a maldade e a crueldade dos homens. Se, na sociedade dos nossos dias, não existissem essas chagas, Gallito não seria conhecido, isto é, não gosaria da fama que gosou. Mas, visto que elas existem, porque são necessárias ao bem estar dos aventureiros, dos parasitas, dos exploradores, em suma, a felicidade de todos os que vivem a expensas do trabalho dos outros, Gallito era querido como se fosse um sábio! Ganhou dinheiro; acumulou milhões! E no entanto, da sua acção, ou da sua profissão, nunca se clarçou um pensamento, nunca se desobstruiu um cérebro. Pelo contrário, ajudou a obscurecer, a enegrecer a alma e o raciocínio das multidões.

Ma morreu rico. Aos seus herdeiros deixou uma fortuna colossal!

Singular paradoxo! Há tempos morreu também, em Espanha, o insigne escritor Perez Galdós. Para não succumbir aos horrores da fome, alguns amigos abriram uma subscrição em favor d'êle. Perez Galdós, o escritor que durante sessenta anos procurou instruir, educar, ilustrar os ignorantes, foi obrigado, pela força das circunstâncias, a aceitar o óbulo daquelles que lhe reconheciam o esforço intelectual em benefício dum povo. Sim, aceitou-o, mas aceitou-o constrangido. Realmente, a prova foi dura, muito dura, especialmente para êle que via as coisas por um prisma muito seu.

Ora enquanto que Perez Galdós, o literato e o historiador, encerrado no seu gabinete de trabalho ia lançando ao papel as lições que serviriam aos seus compatriotas de excelente alimento espirital, e se ia tornando cada vez mais pobre, Gallito, sem pensar, sem buscar nos livros a origem de tudo o que o rodeava, sem contribuir, sequer, com uma parcela mínima de potencialidade intellectiva para a illustração da massa amorfa, ganhava rios de dinheiro, apresentando ao povo o resultado das suas habilidades, dos seus artificios, das suas manhas de animal superior ao touro!

Singular paradoxo! Em Espanha, como em Portugal, há, portanto, mais gente que conhecia o toureiro do que o escritor. Há mais gente que é capaz de descrever, em todas as suas minúcias, o trabalho do magarefe, do que a literatura, as theses, a filosofia do eminente prosador!

É triste, muito triste, o singular contraste. O povo, enlevando-se na moral reinante, antes quere ir, folgar, dar livre curso aos seus instintos de besta fera, do que instruir-se. Foi por isso que o escritor morreu quase a pedir; e o toureiro, morreu riquissimo.

O anomalias da sociedade burguesa! — Quando é que se observará o inverso daquilo a que assistimos hoje?

PEDRO GUIMARÃES.

tiva duma nova vida, que se desenha já, apesar de tudo, que os aliados devem ajudar-nos. Sem tardança, vinde em auxilio dos nossos filhos! Vinde ajudar-nos no trabalho construtivo necessário! É para isto, enviem-nos não diplomatas e generais, mas pão, instrumentos para o produzir e organizadores que soberam tam bem ajudar os aliados durante êsses terribes cinco anos, a repellar a invasão barbara dos alemães...

Lembram-me que devo terminar esta carta já muito longa. Faço-o abraçando-o fraternalmente.

PEDRO KROPOTKINE.

A MORDAÇA

A "COMUNA" PERSEGUIDA QUE TRISTEZA!...

Amigos nossos, de Lisboa, comunicam-nos indignados, que a policia ás ordens do coronel Baptista, se dedica com attenção a sport de apreender A COMUNA e deter os seus leitores.

Não nos surpreende nem indigna o facto. Não proteamos sequer. Protestar para quê? — Haverá protestos platônicos a que os governantes se movam? Depois, prejuizo algum pode vir ás nossas ideas, de tão mesquinha perseguição. O fructo proibido é o mais apeteccido. Idea perseguida é idea que se radica, que germina. As ideas não morrem: sufocam-se momentaneamente, mas explodem depois com mais violencia. Violência que não raras vezes provoca destruições...

Contudo a perseguição movida contra A COMUNA entristece-nos. Nos poucos números publicados, não há uma frase única que justifique o mais ligeiro reparo dos executores das leis.

Uma perseguição em tal caso só a justifica a perversão e inferioridade intellectual dos perseguidores. E é isto que nos entristece. E' hómbeir-nos dia a dia, hora a hora, com seres nossos semelhantes, de tal pobreza moral e intellectual que os torna comparáveis ás especies inferiores. De tantos individuos que nos últimos anos se tem alcanorado ás cadeiras do poder, não há uma figura que se destaque; uma intelligência que se revele! O valor de um é o valor de todos. Homens doutos que mostram não saber lêr!... Intelligências obsecadas que não possuem sequer a faculdade de assimilação!...

Oh! E' bem certo que os povos tem os governos que merecem. — Quem havia afinal de governar 5 milhões de analfabetos? E o que se pode esperar de intellectuals, educados num pais onde a instrução se inicia, garantindo obscenidades nas paredes?

Que tristeza! Que tristeza!

Editado pela A Batalha e C. G. T. recebemos um bem redigido manifesto que foi profusamente distribuido pelo pais em que se relatam minuciosamente e com inteira verdade as violências de que A Batalha tem sido vittima por parte do serventuários do famigerado Baptista.

Nada temos a acrescentar em referéncia ás perseguições feitas á Batalha, ao que acima escrevemos com referéncia á COMUNA.

Protestar é inutil. E' como se fossemos a serra dizer aos lobos que não devorem cordeiros.

Felizmente que esta situação só dura até um dia...

Limitámo-nos, portanto, a enviar á Batalha, o testemunho sincero da nossa solidariedade de irmãos em ideas e companheiros da desgraça.

Já depois de composto este artigo, tivemos conhecimento pela imprensa diária do Porto, de que outro camarada tinha sido preso em Lisboa, por fazer propaganda bolchevista e vender A COMUNA.

Mais uma prova confirmativa do que acima fica dito. Soma e... segue.

LEDE	BEIJM
A BATALHA	A minha defesa
DIÁRIO DA MANHÃ	POR
Porta-voz da organização operária portuguesa	JORGE ETIEVANT
	Preço, 50 reis

A COMUNA

Continuamos a publicação das listas de subscrição já recebidas.

Não foi em vão o nosso apêlo. E o auxilio que de todos os lados nos vem sendo prestado, prova que todos os nossos camaradas estão concordes na necessidade de sustentar na imprensa um baluarte de defeza e propaganda das doutrinas comunistas-libertárias.

Aos camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição já completas pedimos a fineza de as enviarem a esta administração, a fim da sua publicação se ir fazendo regularmente.

Igualmente pedimos aos camaradas que ainda não entregaram as importâncias com que subscreveram, a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, a fim de podermos regularizar as nossas contas e habilitar-nos a satisfazer compromissos tomados.

Lista n.º 43	Subscrição aberta entre camaradas residentes na America para a compra de uma máquina de impressão
Transporte . . . 341\$23	<i>Fall River, Mass</i>
Entregue por J. G. Pereira, da Povoá do Varzim:	Transporte . . . 1.617\$70
António J. Fernandes . . . 2500	António Camara . . . \$35
Eduardo Correia . . . 1100	Manuel Gaspar . . . \$35
Antero Ferreira . . . 1800	Alfredo Monteiro . . . 3850
Adriano Ferreira . . . 1800	Filipe Machado . . . 1575
J. N. Macedo . . . 1800	Quintino A. Castro . . . 1575
António J. Silva . . . 50	António Oliveira . . . 850
João J. Santos . . . 50	João Jorge . . . 450
J. G. Baptista . . . 1800	Manuel C. Correia . . . 25
Manuel S. Gracjo . . . 1800	Oldemar J. Lopes . . . 3550
Manuel da Costa Reis . . . 50	João C. Correia . . . 1805
Vicente Fernandes . . . 1800	Manuel Silva . . . 3850
Oldemar J. Lopes . . . 350	António Dias . . . 70500
João M. Moreira . . . 820	Abel R. Carvalho . . . 10505
José G. de Castro . . . 820	Eduardo R. Carvalho . . . 5825
Zacarias Main . . . 550	Manuel Antonio . . . 3850
Américo Costa . . . 810	Manuel G. Guecção . . . 625
David G. Correia . . . 810	António Augusto . . . 625
Mattias P. Marques . . . 820	Francisco Abreu . . . 1575
Manuel G. Guecção . . . 810	Anônimo . . . 1843
António L. Gonçalves . . . 810	
Joaquim C. M. Costa . . . 2550	
A transportar . . . 853\$08	A transportar . . . 1.786\$68
(Continua)	(Continua)

ARTE & ARTISTAS

A AGUIA

No tempo em que era a grande deusa viva
Os deuses os irões e as musas belas,
Disto uma aguiá velha e pensativa,
Que flizera a viagem das estrelas?

«Ao-se imlo as tradições! e não-de ir cont elas
Apel' Jove, Vishnon e Sora!
Um barro é grão de luz o mar saliva
De ti oh grande Pan!... Só Pan fu vélas!

«Mas quando assim falava a aguiá, eis quando
Se ouviu aquela voz triste bramido
de Sicilia: *Morrar o grande Pan!*

«Pheno estremecem, carpa Elenias!
Mas a aguiá velha gargalhou:—Oh deuses!
Qual será o deus novo de amanhã!

GOMES LEAL.

OS CRIMES
DA IGREJA

Era na primavera de 1500. A irregularidade das estações nos dois anos antecedentes, irregularidade que protram até ao ano seguinte, deu em resultado a fome. Ainda naquela época a falta de subsistências trazia, em regra, por companheiro um flagelo, então trivial, não só por esta, mas por outras causas. Era a peste. Já no outono de 1505 se manifestavam em Lisboa os sintomas do terrível mal. A córte, fugindo ao perigo, à medida que elle se aproximava, passara sucessivamente para Almeirim, Santarem e Abrantes. Dali, el-rei, atravessando o Tejo, dirigia-se a Beja, onde então residia a infanta D. Beatriz, sua mãe, quando, ao chegar a Aviz, vieram saltar-lhe novas tam espantosas como inesperadas. Um motim popular contra os cristãos-novos (1) rebentara em Lisboa, e esse motim foi assinalado por scenas horribes. Tomadas as providencias mais urgentes e passando rapidamente por Beja, D. Manuel veio fixar residência em Setúbal, resolvido a proceder serenamente contra os habitantes da capital. Eis os factos que, suscitando a indignação del-rei e exigindo exemplar castigo, resultaram dos inquéritos a que se procedeu, logo que foi possível conter o tumulto e restabelecer a paz.

Desde Janeiro que a peste redobrava de intensidade em Lisboa, e nos principios de Abril era tal o progresso da epidemia, que a mortalidade subia alguns dias ao numero de cento e trinta individuos. Faziam-se preces publicas, e a 15 do mes ordenou-se uma procissão de penitencia, que saindo da igreja de Santo Estevão se recolheu na de S. Domingos, seguindo-se a celebração de preces soleses. Durante ellas, o povo implorava em gritos a misericórdia divina. No altar da capella chamada de Jesus havia naquele tempo um crucifixo, e ao lado da imagem do Salvador um pequeno receptaculo, que servia de custódia a uma hostia consagrada. No excesso da exaltação religiosa houve quem crêse ver ali, e talvez visse, uma luz estranha. Espalhou-se logo voz de milagre. Ou que os dominicanos, aproveitando a illusão, realizassem artificialmente a suposta maravilha, ou que a credulidade, fortalecida pelos terrores da peste, predispozesse cada vez mais a imaginação do vulgo para ver aquele sinal claro, é certo que ainda nos dias seguintes havia quem affirmasse divisá-lo perfeitamente.

Todavia, o voto mais comum era que essa maravilha não passava duma fraude e anda muitos dos mais crentes suspiravam que o facto existira apenas nas imaginações escandecidas.

Durante quatro dias a creença no prodígio foi ganhando vigor. No dia seguinte, ao meio dia, celebrados os officios divinos, examinava o povo a suposta maravilha, contra cuja autenticidade recresciam suspeitas no espirito de muitos dos espectadores. Achava-se entre estes

um cristão-novo, ao qual escaparam da boca manifestações imprudentes de incredulidade acerca do milagre.

A indignação dos crentes, excitada provavelmente pelos autores da burria, comunicou-se à multidão. O miseravel blasfemo foi arrastado para o adro, assassinado e queimado o seu cadáver. O tumulto atraia maior concurso de povo, cujo fanatismo um irade excitava com violentas declamações. Dois outros irades, um com uma cruz, outro com um crucifixo arvorado, saíram em to do mosteiro, bradando—*heresia! heresia!* O rugido do tigre popular não tardou de rebobar por toda a cidade. As marinhagens de muitos navios estrangeiros fundeados no rio, vieram em breve associar-se à plebe agitada. Seguiu-se um longo drama de desordem. Os cristãos-novos que passavam pelas ruas desprezados, eram mortos ou maltratados e arrastados, as vezes sem vivos, para as fogueiras que rapidamente se tinham armado, tanto no Rossio como nas ribeiras do Tejo. O juiz do crime, que com os seus officiaes pretendia conter o motim, apedrejado e perseguido, teria sido queimado com a propria habitação, se um raio de piedade não houvera momentaneamente tocado o coração do tropel furioso que o perseguia, ao verem as lagrimas da sua esposa, que desgredhada impiorava piedade.

Os dois irades entreciam as turbas com os seus brados, e guaviminas com actividade infernal naquele tremendo labor. O grito da revolta era:—*Queimai-os!* Quantos cristãos-novos encontravam, arrastavam-nos pelas ruas e iam lança-los nas fogueiras da Ribeira e do Rossio. Nesta praça foram queimados nessa tarde trezentas pessoas, e as vezes num e noutro lugar arditam a um tempo grupos de quinze ou vinte individuos. A ebriedade daquele bando de canibais não se desvaneceu com o repouso da noite. Na segunda-tarde a5 scenas da vespera repetiam-se com mais violencia, e a crueldade da plebe, incitada pelos frades, revestiu-se de formas ainda mais nefandas. Acima de quinhentas pessoas tinham perecido na vespera: neste dia passaram de mil. Segundo o costume, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões, o ódio, a vingança covarde, a calunia, a luxuria, o roubo. As inimidades profundas achavam no motim popular ensejo favoravel para atrozes vinganças; e muitos cristãos-velhos foram levados as fogueiras com os nefitos judeus. Alguns só obtinham salvar-se mostrando publicamente, diante dos assassinos, que não eram circuncidados. As casas dos cristãos-novos foram acometidas e assaltadas. Metam a ferro homens, mulheres e velhos: as crianças arrancavam-nas dos peitos das mães, e pegando-lhes pelos pés, esmagavam-nos o craneo nas paredes dos aposentos. Depois saqueavam tudo. Aqui e acolá, viam-se nas ruas alagadas de sangue filhas de quarenta ou cincoenta cadáveres que esperavam a sua vez nas fogueiras. Os templos e os altares não serviam de refugio aos que tinham ido acotar-se a sombra deles, e abraçar-se com os sacraños e imagens dos santos. Donzellas e mulheres casadas eram prostituídas e depois atiradas as chamas. Os officiaes publicos, que por qualquer modo buscavam pôr diques a esta torrente de atrocidades e miamias, escapavam a custo pela fuga ao impeto irresistivel das turbas concitadas; porque, além da gente dos navios estrangeiros, mais de mil homens da plebe andavam embebedos naquela carnificina.

A noite que devia, veio afinal cobrir com o seu manto este espectáculo medonho, que se renovou no dia seguinte. Mas já as hecatombes eram menos frequentes, porque escasseavam as victimas. Os cristãos-velhos que ainda acreditavam em Deus e na humanidade, tinham aproveitado o cansaço dos algozes para salvar grande numero daqueles desgraçados, escondendo-os em nichos e em celares, inutil até certo ponto, porque ainda varios d'elles foram assassinados nas aldeias circunvizinhas. Até à terça-feira a tarde, o numero dos mortos orçava

CENTRO COMUNISTA
DO PORTO

No domingo, 20 de junho, às 21 horas, realizou-se há no Teatro Carlos Alberto, um espectáculo, subindo a scena as peças:

TRIUNFO,
AMANHÃ
OS CRIMINOSOS

O produto deste espectáculo destina-se à remodelação da sede do Centro e aquisição de mobiliário para instalação de aulas de instrução primária e português.

Os bilhetes acham-se à venda na sede do Centro, na rua Fernandes Tomas, 224; rua de Santo Ildefonso, 282 e na Sapataria Gonçalves & Quintans, à Cancela Velha.

A sede do Centro encontra-se aberta todos os dias das 21 às 23 horas.

COMPRAI

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil—Calçada do Combro, 38.
Tabacaria Barbosa—Rua do Carmo, 67.

Quiosque de Alcantara—Largo de Alcantara.
Rosa & C.ª—Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo—Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran—Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Pina—Travessa da Bica, aos Anjos, 14 J.

Tabacaria Ideal—Rua dos Correios, 211.

Tabacaria Pires—Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes—Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva—Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga—Rua do Rato.

A Moldura do Castelo—Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto—Rua da Bica do Sapato, 16.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma—Avenida Todí, 322.

SACAVEM

A. J. Neves—Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

por dois mil individuos. A medida que faltavam alias para roubar, mulheres que prostituíam, sangue que vender, a multidão asserenava, e os filhos de S. Domingos, recolhendo-se ao seu antro, iam repousar das fadigas daquele dia...

ALEXANDRE HERCULANO.

NOTAS DUM PERDIDO

VIII

A nossa imprensa tem sido quem mais deslumbração tem defendido a Revolução Russa. No seu começo, podemos dizer que ela foi a única que a defendeu, pois que a imprensa socialista só mais tarde começou por defendê-la. No entanto, ela não sendo, como não é, ainda a nossa Revolução, é a Revolução que brotou, irrompeu com máximas aspirações proletárias, embora nem todas se possam consolidar nos primeiros anos.

Analizados factos ligeiros nós vemos, porém, contradicções várias entre estes e as ideas que lançaram e mantêm os mesmos homens na luta, e não admira, por isso, que os de fora digam da Revolução Russa, as mais disparatadas coisas e dela façam os mais irónicos juízos.

Não ha muitos meses ainda, em Paris, um amigo dizia-me que Lenine e Trotsky assistiam por vezes às reuniões do seu grupo de propaganda, como que para justificar o seu entusiasmo pela Revolução Russa, e como que se isso fosse justificação possível à sua esperança de ver os nossos ideais em vias de realização. Também Sir Bernard Pares, outro dia escreveu, quem sabe se também com suas esperanças: «a despeito de todas as desventuras estou agradecido a Deus pela Revolução Russa»; e contudo este não é dos nossos, nem parente sequer, em aspirações.

Há pouco, satisfazendo não sei se desejos estranhos se a vontade de acabar com a ditadura proletária, ou ainda por qualquer outra razão, realizaram-se, na Rússia, as eleições à *Constituinte*, e de 1461 deputados, 80 por cento são comunistas, tendo lá assento 128 sem partido e apenas 43 menchevistas (minoritários). Devemos calcular que, na nossa futura sociedade comunista, os comunistas se devem reunir, discutir e concertar sobre os mil e um assuntos da vida social, pois o contrario não seria comunismo; mas Lenine no seu recente livro, *O Estado e a Revolução*, agradece muito pouco logicamente aos seus colaboradores a abdicção que fizeram dos seus principios em proveito das intenções da Revolução, quando diz: «Não somos utopistas, não nos entregamos a senhar em acabar imediatamente com toda a direcção, com toda a subordinação; isso são sonhos Anárquicos, baseados sobre uma necessidade de compreensão da tarefa de uma ditadura do proletariado. Estranhos à essência do Marxismo, e, como matéria de facto, isso serviria para pôr de parte a Revolução Socialista até que a natureza humana seja diferente. Não, nós precisamos da Revolução Socialista conforme a natureza humana é agora; a natureza humana, por si não pode passar sem subordinação, sem di-

rigentes, sem directores e administradores».

Os dos governos da Entente, quando resolveram reatar as relações comerciais com a Rússia, que essas relações, esse comércio, só se fazia e fazia por intermédio das Cooperativas de produção e de consumo, únicas representantes, diziam, do povo russo. Ora, em Dezembro último, um representante de algumas cooperativas foi a Londres chorar-se aos inimigos dos Sovietes e pedir repressão contra os seus contrerfâneos que haviam tido a audácia de se rebelar contra o cooperativismo, pondo em comum e fazendo das cooperativas centros de abastecimento e troca, apenas.

¿A Revolução, na Rússia, realiza-se como Lenine profetizava quando assistia as reuniões do grupo do meu amigo, ou já marcha só como Lenine declara agora no seu recente livro?

Nós julgamos que na Revolução Russa alguma coisa de mais poderoso existe ainda do que a vontade já fracassada do colectivismo marxista de Lenine. Ela não se manteria, decida a energia, se a força potente de um povo não a esculpasse continuamente com o seu sangue fructificador. Estas contradicções, entre o proprio Lenine, as ideas e os factos da Revolução, existem e bem patentes. Notamos que o seu marxismo de agora já ameaça com a tirania, de restituir a tirania prevista nos adeptos do Marxismo, nos primeiros debates de ideas, ha bons 50 anos, quando Bacunine criticava e combatia as ideas de Marx, na Primeira Internacional.

Se o livro de Lenine é autêntico, o nosso amigo enganou-me porque estava enganado quanto as theorias de Lenine. Mas, apesar dos socialistas marxistas defenderem agora a Revolução Russa, não que re dizer que nos vamos deixar de a defender. Pelo contrario, as revelações de actos bem comunistas, contrários ao collectivismo marxista por Lenine defendido, dão-nos a esperança de que a Revolução Russa ainda nos ha de fornecer mais algumas surpresas.

IX

Nunca os felizardos defensores do regime capitalista roubaram tam descaradamente o publico como durante e depois da última guerra. Todas as pequenas e grandes companhias tem distribuido dividendos fabulosos aos seus accionistas, classe oculta de parasitas que jamais se dedicou a um trabalho útil. Roubar, explorar, gozar, que a castidade nunca se lhes deparou mais proficia, ou quanto os ignorantes e bem estupidos escravos se chacham pelas contendas de seus tam tolerados zmos.

Segundo confissão própria, durante o ano económico 1913-1914, os accionistas do «Casino Cerele de Paris», em Monte

A greve de Cravel

Há seis semanas que o pessoal da Fabrica de Carrinhos de Cravel (Gaia), se encontra em greve para obtenção da irrisória melhoria de 60 0/0 sobre os salarios.

A intransigencia da empreza a classe tem correspondido com uma admiravel resistencia, que muito enobrece a organização operária a que pertence.

Como medianeira do conflito, a U. S. O. de Gaia tem empregado toda a sua actividade, o que, porém, não tem surtido os resultados desejados, pelo que resolveu declinar o seu mandato na Confederação Geral do Trabalho.

Em face da attitude da gerência da fábrica, o pessoal grevista resolveu suspender das suas funções, dentro daquele estabelecimento fabril, todos os mestres que ainda ali se encontravam, e resolveram tomar uma attitude mais enérgica daqui para o futuro, até conseguirem ver melhorada a sua situação económica.

Avante, camaradas, nada de desânimos! Por que quanto mais crentes na vitória, mais ella se aproxima de vós!

Carlo aquele lugar de prazer, de gôso e deboche de toda a burguesia internacional indinherada—distribuiram entre si, só de lucros que a batotilha deixou, a quantia de 1.972.154 libras, e no ano económico de 1919-1920, só até fins de Abril, já honestamente tiraram proventos no valor de 2.288.610 libras. Provando-se, assim, pelos números que elles próprios sarcásticamente nos fornecem, que a exploração nunca foi mais desenfreada, e como a miséria e o pauperismo crescem na mesma proporção, é o que não sofrerão esses milhões de criaturas, sem pão e sem abrigo, que a miséria espreita e a prematura morte arrasta?

Para melhor satisfação dos velhos e novos ricos, que tranquilos e felizadamente esbanjam o suor dos pobres que tam ignobilmente conseguem explorar, os governos só conhecem um meio seguro: abafar brutal e selvaticamente a voz dos que ousaram não se conformar com este condenável estado social. Isto porque o povo acha muito bem e se não resolve a precindir deles proclamando uma nova ordem de coisas onde todas estas vergonhas o semelhantes crimes não sejam possíveis.

GRANDE-GOSSE.

DEFININDO PRINCIPIOS

O QUE DIZEM OS SINDICALISTAS

O SINDICALISMO NÃO É MARXISTA

Reproduzindo nas nossas colunas o magnifico artigo que segue, ja largamente difundido na imprensa operaria espanhola e brasileira, outro intuito não nos move, que não seja o de concorrer para dissipar a confusão lamentavel que de muitos sindicalistas e anarquistas se tem apossado diante da revolução russa e que os faz esquecerem-se do comunismo libertario, tam bem definido e defendido por Bakounine, na Internacional dos Trabalhadores.

A REDACÇÃO.

A DITADURA DO PROLETARIADO, CLÁUSULA CAPITAL DO MARXISMO, NÃO É A FINALIDADE DO SINDICALISMO

O alvorecer da aurora nas rudes estepes do oriente da Europa com o triunfo da revolução do povo moscovita, trouxe á actualidade novos e importantes problemas que os militantes do Sindicalismo não podem deixar passar em silencio. O termo da moda bolchevismo, o cujo conceito neo-comunista não passa de ser uma simples modalidade do socialismo marxista, empolgou, quiçá com excesso de zelo a atividade de não poucos amigos, e é preciso que constatemos bem a indole e o alcance da revolução que prepara os nossos entusiasmos, para que os suscetíveis de equívocos não incorram em erros.

É indubitavel que entre o despotismo dos favorecedores de Kaspoutine e o regimen dos soviets, implantado pelo maximalismo actualmente na Russia, existe uma dualidade que arrebatou todas as nossas simpatias de um modo absoluto em favor do último. Não é isso, porém, obice para que, dada a natureza inequivoca das taticas e essências da doutrina apostolada por nós, que tende a universalizar-se, a ampliar-se, a envolver a Vida em todos os seus aspectos no sentido anarquista, não nos conformemos e menos façamos bandeira em nossa propagação da Doutlogia economica estabelecida na Russia pela central comunista dos soviets.

Creemos e assim o afirmamos que a futura revolução no nosso país, não póde dirigir os seus passos e menos reduzir a sua missão aos feitos dos partidários de Lénine. A ditadura do proletariado, cláusula capital da carta doutrinal do marxismo, não é, nem muito menos a exprime, a finalidade do Sindicalismo. Com ela o Estado, a autoridade, o poder, não perde senão na forma a sua existencia intrinseca da sua prepotencia. O dominio de casta ou classe, ainda que seja uma transição accidental, transmite a sua hegemonia ao proletariado triunfante dos vencedores que, ainda que com o titulo de ditadores administrativos e tutelares, mais tarde, como succede em todas as comoções em que a estrutura básica das instituições da etnologia social e politica em essência fica de pé, transformou-se no maior obstáculo para o futuro e progressivo da própria revolução iniciada.

A Revolução francesa confirma a nossa tese. O succedido com as secções de Paris com os flamantes redentores que personificaram e assumiram em nome da revolução o poder e governo do povo, corroborou aquelas sentencias palavras que já Godwin estampara em suas glórias de precursor anarquista em 1792. É mais: o espirito de continuidade da revolução começada com o levante de Paris que ergueu a guilhotina para os occupantes do trono, viu-se sanhudente sufocado e truncado pelos novos benfeitores do povo, sufocando o movimento comunista em que pereceram Babeuf e Danté.

É por tudo isso que deixamos accentuado que nos não podemos ater, nem muito menos cifrar o alcance e desenvolvimento das transformações a realizar, na iniciativa e vontade de nenhum poder organizado, ainda que este se constitua sob as tintas dos adjetivos: administrativo, tecnico, estatístico e até consultivo.

Não podemos respeitar o Estado em nenhuma das formas — por mais radicais que sejam suas normas e pautadas as suas attribuições — que o determinismo dos acontecimentos, a evolução fatal e o próprio instinto de conservação o impula a adotar. Não podemos deter-nos em reformas; precisamos destruições e construções. Não queremos desmembrar o centralismo arcaico e absorvente do Estado em uma disseminação parcelar de pequenos poderes confluentes e um poder central. Aspiramos a estabelecer a comunidade dos meios de produção, a identidade de possibilidades para a produção e o consumo: a igualdade economica em síntese, para desvincular a soberania individual da tutela opressora de todo o poder. O nosso federalismo é circunstancial; começa com a liberdade absoluta do individuo na posse de todos os seus direitos para estabelecer a indole, condição e duração pacto realizado como manifestação juridica do contrato social, e termina com a consecução anhelada ou porque a finalidade estabelecida não se realça por negligência deficiente...

A REACÇÃO CAPITALISTA

As classes dominantes horroresam se com a propaganda do ideal anarquista entre os produtores de toda a riqueza social, os quais se vão competendo da urgente necessidade de se organizarem solidamente para derubar a actual sociedade capitalista, que tem cometido os mais infames crimes e perseguições contra todos os explorados que existem sobre a terra.

É verdadeiramente repugnante o que se tem passado com os mineiros de S. Pedro da Cova, onde os lavradores e proprietários das minas, de mãos dadas com as autoridades, tem conseguido que o julgamento de estas vítimas da reacção capitalista tenha ficado adiado diversas vèzes, para assim as torturar moralmente e as suas famílias, o que representa para nós libertários uma afronta por permitir-mos que meia dúzia de despostas tiranizem aqueles nossos camaradas, cujo crime consiste em desejarem que todos os que trabalham tenham pão e liberdade.

O nosso dedicado camarada Jeronimo de Sousa, secretario geral da Federação do Calçado, Couros e Pêles, continua encerrado nas infestas prisões da Relação do Pôrto para assim serem satisfeitos os instintos bestiais de uma grande parte do industrialismo de Guimarães, que de uma forma perversa o pretende aniquilar só por ele ser um militante da organização sindical. Regosijamo-nos por vêr que os lanmanqueiros Portuenses e outros o tem auxiliado moral e materialmente, mostrando assim aos algezes a estima que sentimos por esta vítima inocente da reacção patronal.

O camarada António Nunes Canha foi preso em Alpiarça encontrando-se actualmente no grupo-C da cadeia do Limocito, sendo mais uma vítima das prepotências governamentais do nosso país.

Em Beja campeia a reacção dos potentados da terra, não havendo liberdade de reunião, estando os sindicatos encerrados, tendo sido presos os nossos camaradas Cactano José Pires e Gonçalves Correia por serem operários conscientes, o que é considerado um crime neste país.

A Batalha e O Combate são impedidos de circular e A COMUNA é perseguida nas ruas de Lisboa por propagar com entusiasmo o comunismo anarquista como único meio da emancipação proletaria.

Além destas arbitrariedades os lavradores de Évora apoiados pelas autoridades locais exercem uma infame perseguição aos trabalhadores rurais.

Nós anarquistas, como pioneiros da liberdade, sciétes de que propagamos a verdade, e que todos os perseguidos...

tirania não impedem o triunfo do ideal anarquista, devemos activar a propaganda aliada á organização para impedir estas arbitrariedades, seguindo o exemplo dos nossos camaradas Italianos e espanhóes.

Em Espanha, o governador de Valencia, proibiu as manifestações do 1.º de Maio deste ano e apesar da força armada patrulhar as ruas, o proletariado local realizou uma imponente manifestação de protesto contra a burguesia internacional, que pretende esmagar o povo russo, e aos gritos de: Viva a Rússia! tentou assaltar o consulado da França, por este país representar a cabeça da reacção internacional.

Houve luta nas ruas de Valencia havendo mortos e feridos de ambos os lados, sendo presos alguns militantes operários para satisfazer a burguesia local.

Estas perseguições ocasionaram a greve geral sendo esta a mais completa que se tem realizado naquela capital, conseguindo ao fim de uma semana de luta a libertação dos presos, a reabertura dos sindicatos e a demissão do governador.

Em Barcelona exerce-se uma infame repressão aos trabalhadores organizados, estando alguns milhares deles presos sem culpa formada há mais de cinco meses, sendo os perseguidos auxiliados por os sindicatos com 25 a 35 pesétes semanais, produto das cotas extraordinárias pagas por todos os sindicatos.

O Sindicato das Artes Textis declarou a greve no dia 14 de Maio em todas as fábricas que tivessem operários presos, conseguindo ao fim de alguns dias que fossem libertados os operários daquela industria porque foram os próprios patrões que exigiram a libertação dos operários das suas oficinas para estas não serem afectadas pela greve.

Actualmente os nossos camaradas presos em Barcelona declararam a greve da fome negando-se a comer para assim terminar os sofrimentos de que tem sido vítimas. Se eles forem assassinados nas prisões pela actual organização capitalista é de esperar que o proletariado da Catalunha auxiliado pelas organizações anarquistas internacionais saiba derubar os assassinos de os anarquistas de Barcelona entre os quais nós contamos camaradas dedicados pela nossa causa.

Em Sevilha estão os pedreiros em greve por ter sido preso o presidente do sindicato e em Jaen e noutras localidades os trabalhadores agitam-se em grandes lutas em cumprimento dos direitos sindicais e das liberdades mostrando assim aos indiferétes que as liberdades não se mendigam antes se conquistam pela revolução com a luta nas praças publicas.

Aos T. da Indústria do Mobiliário

Camaradas:

No dia 2 deste mês, numa sessão plena de fé e de entusiasmo, foi inaugurado o vosso Sindicato Unico, tomando por esse facto a classe dos trabalhadores da Indústria do Mobiliário uma orientação mais conforme com a nova fase de organização sindicalista que nitidamente se desenha na Europa.

Mas, para que essa orientação seja proficua, é necessário que corresponda a uma transformação real no sentimento e nas ideas dos trabalhadores sindicados, que devem, elles também, modificar as concepções demasiadamente corporativas que até hoje os tem norteado.

A Comissão Administrativa do vosso Sindicato, ao tomar do logar que lhe foi indicado por vós próprios, promete a si mesma não falsear a gravissima missão que lhe impendesta hora suprema. Antes de tudo e acima de tudo cab-nos fazer sindicalismo, e para isso partimos do principio de que não pode haver paz na sociedade enquanto esta se encontrar dividida em duas classes — a dos que roubam e a dos que se deixam roubar.

As lutas pelos aumentos de salários, reconhecidamente inúteis e contraproducentes, procuraremos substituir, sempre que isso nos for possível, as lutas sindicais que tendem a emancipar as classes do jugo capitalista, e para isso, aceitando o grandioso exemplo das últimas greves francesas, reivindicaremos para as Federações de Indústria o encargo da gestão e administração, fora da tutela deprimente do Estado e do Patronato, de todos os ramos de officio.

A constituição dos S. U., destruindo os antagonismos que separava os trabalhadores dos varios ramos de officio, teve como consequência a morte do absoluto e estreito critério corporativista, impotente, para o substituir, o critério largo e humano do sindicalismo revolucionário, que reconhece como facto iniludível a guerra de classes. É essa a orientação que a vossa C. A. promete tomar, servindo-se, para o fazer, da sua Comissão de Propaganda, que, como o proprio nome o indica, tem por objectivo fazer do operário sindical alguma coisa mais do que um número cotisante. A C. A. valer-se há também da imprensa avançada para estreitar as relações de solidariedade com todo o operariado, e aproveita esta primeira exortação aos trabalhadores da Indústria do Mobiliário para exteriorisar o seu mais enérgico protesto contra as violências que tem vitimado ultimamente a organização operaria do Sul, e, em especial, o intemerato órgão do proletariado revolucionário — A Batalha.

SINDICATO UNICO METALURGICO

Ficam por este meio convidados todos os socios a reunirem em assembleia geral na próxima terça-feira, pelas 20 horas, bem como os delegados do Conselho Técnico, para quarta-feira, para reunir conjuntamente com a C. Administrativa.

Conta corrente de A AURORA

RECEITA

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Pôrto — R. Perpétua, 1800. Lisboa — L. Machado, 500. Matela — Um marido revoltado, 1800. Pias — J. Torreira, 225; F. Gonçalves, 220; M. do C. Correia, 300; A. P. Moita, 110. Matheus — D. Mourão, 540. Saldo do mês anterior, 7751.5. Soma, 8156.7.

ASSINATURAS

Pôrto — I. J. de Freitas, 25; C. G. Pires, 330; B. P. da Costa, 1800; Joaquim J. Ribeiro, 330; A. Ribeiro, 330; J. A. de Brito, 345; A. M. Barbosa, 225; J. Silva, 260; R. Ribeiro, 340; A. C. Pereira, 330; L. Moreira, 250; J. A. Teixeira, 1335; Carolina da Silva, 350; J. C. de Melo, 555; A. de Oliveira, 220; J. P. da Silva, 550; J. P. Soares, 555; P. Miguel, 550; A. Paulo, 220; J. Teixeira, 550; L. F. S. Lopes, 550; E. Teixeira, 550; J. Baptista, 200; A. R. Barros, 2, 361. Cobrança pelo correio em varias localidades, 13301. Santiago Maior — J. G. Ramalho, J. Lino, 2 a 360; J. Campelo, 1520; J. das Neves, 360; J. D. Oliveira, 330; V. G. Oliveira, 360. S. Tomé — F. Assis, 4800. Matela — J. M. Baptista, 360. Pias — A. P. Moita, F. Gonçalves, F. M. Ceruja, 3 a 330 e do um; J. Saloto, M. C. Correia, B. Zaccarias, 3 a 550; C. Braga, 360; J. J. Torreira, 225. S. João — A. J. Azevedo, 550. Santa Bárbara de Nexe — Associação da Construção Civil, 2305. Vila Real — J. A. Almeida, 1875. S. Tiago do Espinho — A. J. Torrinho, 322; R. Zorro, 362. Setúbal — R. Ciambuca, 1800. Vila do Conde — J. G. Pereira, 550; J. M. da Silva, 550. Chaves — D. Mourão, 360. Seixal — H. S. Cambalicho, 360. Barcelos — J. Domingos, 360. Tomar — M. P. Pires, 550. Senha da Hora — J. J. Figueiredo, 555; M. F. Almeida, 56. Torres Novas — H. M. Franco, 550. Póvoa de Varzim — J. C. Lopes, 550; A. Azevedo, A. da Costa Nelva, M. R. Pereira, 3 a 550; Clotilde da Silva, E. J. Correa, J. N. de Macedo, J. da R. Bráso, 4 a 560; M. da S. Lima, 300; A. L. Gonçalves, 330. Sines — Associação da Indústria Costeira, 550. Canidelo — B. P. de Sousa, 360. Vila Real de Santo António — J. Brás, 360. Sangalhos — M. F. Tomé, 330. Espinho — A. A. Silva, 365; L. S. Frutuoso, 320. Vaidigem — C. F. Machado, 360. Marco de Canavezes — J. Mendes, 330. S. Pedro da Cova — J. R. de Castro, 1305. Alcanena — J. Correa, 225. Ermesinde — J. P. C. Estrela, 360. Évora — M. C. de Sousa, 550. Entrancamento — J. P. Rosendo, 1800. Amílrica — M. de Sá Couto, A. M. Furtado, A. J. Coelho, 3 a 330. Soma, 144560.

VENDA DE JORNAIS

Pôrto — Redacção, 113; M. P. Torres, 300; Moura, 550; A. P. 116; J. Francisco, 1320; D. Castella, 540; R. da Silva, 1300; Zaccarias de Lima, 360. Lisboa — R. Lima, 1374; J. Sanchez, 2300; A. S. Fidalgo, 2300; Alfredo Costa, 2350; L. Machado, 360; Quilôscue e tabacarias, 3333. Odeira — A. Manuel, 390. Setúbal — J. A. Quaresma, 6307. Barcelos — M. Pinheiro, 2300. Póvoa de Varzim — E. J. Correa, 6356. Extremoz — M. M. Gouvea, 1350; A. Silva, 2300. S. Tiago...